

Texto de Trabalho

XXII **PASTORAL**
ENCONTRO
NACIONAL DA **DA EDUCAÇÃO**

**Educadores:
peregrinos
de esperança**



Realização:

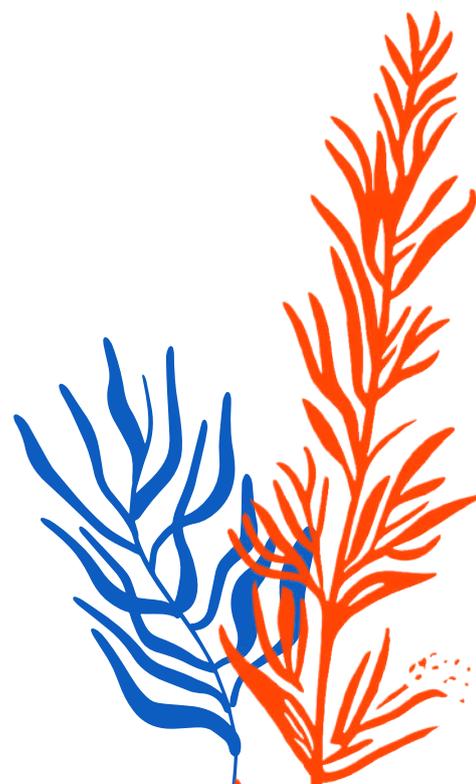


Apoio:



Texto de Trabalho do XXII Enape
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB
Comissão Episcopal para a Cultura e Educação

SE/Sul – Quadra 801 – Conjunto “B”
70200-014 - Brasília – DF
Brasília, 01 de julho de 2024



Apresentação

Irmãs e irmãos educadores, paz e bem!

Como peregrinos de esperança, nos colocamos no caminho de preparação para o XXII Encontro Nacional da Pastoral da Educação - Enape. Nosso compromisso com uma educação humanizadora e comprometida com o bem comum se fundamenta em nossa adesão à pessoa de Jesus: caminho, verdade e vida (Jo, 14,6). Ele é a nossa esperança, a razão pela qual assumimos com ousadia, paixão e criatividade a missão de educar.

Em comunhão com o Papa Francisco e a proposta do Jubileu de 2025, cujo lema é “Peregrinos de Esperança”, o XXII Enape, que acontecerá entre os dias 15 e 17 de novembro em Vitória, se propõe a incentivar os educadores a renovarem seu compromisso com fé e coragem, promovendo esperança no contexto da comunidade escolar. Refletir sobre o tema da esperança é essencial em todos os âmbitos da sociedade, mas, de forma especial, a educação deve ser, por excelência, o seu lugar de cultivo e fomento, pois educar é um ato de esperança.

O presente Texto de Trabalho é uma oportunidade para que os grupos de pastoral, reunidos na escola, comunidade ou paróquia, possam dialogar sobre o tema da esperança em sua realidade e, assim, se preparem para o XXII Enape. Esse material se propõe a ajudar no caminho de preparação para o Encontro, lembrando que a sua participação poderá ser de modo on-line ou presencial. O importante é participar de uma forma ou de outra.

Meu agradecimento ao Comitê Pedagógico-Pastoral do XXII Enape, que elaborou este subsídio, e a todos os educadores que, neste nosso imenso Brasil, assumem sua missão como peregrinos de esperança no mundo educativo. Vamos juntos peregrinar inspirados por São José de Anchieta, modelo de educador.

+ Francisco Agamenilton Damascena
Bispo de Rubiataba-Mozarlândia
Referencial para o Setor Educação da CNBB



Introdução

Educadores: Peregrinos de Esperança. A partir dessa motivação, propomos a caminhada de preparação para o XXII Enape – Encontro Nacional da Pastoral da Educação. Promovido a cada dois anos pela Comissão Episcopal para Cultura e Educação da CNBB, o Enape tem sido um momento importante para refletir a realidade da missão da Igreja no ambiente educativo, partilhar experiências pedagógicas e pastorais, assim como delinear propostas de ação para o horizonte de nossa presença no mundo da educação. Para o Enape de 2024, propomos novamente um caminho de preparação que envolva cada agente da Pastoral da Educação nas comunidades, escolas, paróquias e dioceses. O Encontro Nacional não é somente um evento, mas um processo de escuta, reflexão e principalmente de renovação do empenho de cada um de nós, educadores, na missão que o Senhor nos confiou como peregrinos na esperança.

Nosso XXII Enape está em sintonia com o convite do Papa Francisco para o Jubileu de 2025, que tem como lema “Peregrinos de Esperança”. Todo educador é um peregrino, que entre as luzes e sombras da vida, leva à

frente, com coragem e fé, sua missão educativa dando sempre um testemunho de esperança a toda comunidade escolar. O Jubileu é uma rica oportunidade de, à luz da fé em Cristo, reencantar-se pela missão de educar com e na esperança, sendo uma presença iluminadora junto aos nossos colegas, estudantes e suas famílias.

Como peregrinos, estamos em processo de preparação para o XXII Enape, que acontecerá em Vitória, no Espírito Santo, entre os dias 15 e 17 de novembro de 2024. O presente Texto de Trabalho tem por objetivo potencializar nossas reflexões ao longo deste período preparatório, envolvendo de diversas formas os educadores. Nossos grupos de pastoral são chamados, em espírito sinodal, a se encontrar em escuta ativa e fraterna e a responder às três questões que se encontram ao final deste caderno. Siga conosco nesta peregrinação, que São José de Anchieta, exemplo de educador em nosso chão brasileiro, nos inspire e abençoe.



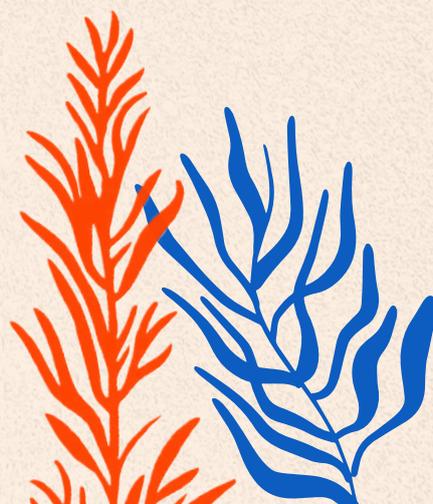
1. O sentido de peregrinar

Somos um povo peregrino, reconhecemos que nossa vida é uma jornada e, como pessoas de fé, sabemos que nosso destino não se restringe ao nosso caminhar histórico, mas tem como horizonte a Vida Eterna, a plena comunhão com o Mistério Trinitário. As Sagradas Escrituras apresentam a peregrinação como aspecto profundamente enraizado na história do povo de Deus. Recordamos de Abraão, nosso pai na fé, a quem Deus chamou para deixar sua terra natal e peregrinar para uma terra que Ele mostraria (Gênesis 12,1). Lembramos dos patriarcas do povo bíblico que foram chamados de “estrangeiros e peregrinos” na terra (Hebreus 11,13), pois, como nômades, confiaram na promessa de Deus e conduziram suas vidas com fé. O emblemático episódio do êxodo descreve o peregrinar dos hebreus pelo deserto em uma jornada que também é uma peregrinação espiritual, em que o povo de Deus, liderado por Moisés, é chamado a confiar e a seguir obedientemente o caminho rumo à sua terra.

No Novo Testamento, Jesus se apresenta como “o caminho” (João 14,6), indicando que Ele é a estrada da vida, onde seus discípulos são chamados a renunciar às suas próprias vontades e a segui-lo, assumindo a postura de peregrinos neste mundo. A comunidade de fé

é chamada a estar consciente que peregrinar é parte essencial da vida de fé; neste caminho, somos sustentados pelo Senhor e motivados a testemunhar com coragem e esperança viva de que peregrinamos na companhia do amor de Deus.

O tema do peregrinar move-nos, como educadores, a reconhecer que nossa vida é um caminhar entre as alegrias e incertezas da missão educativa. Os desafios que encontramos na sala de aula, na comunidade escolar e na complexidade da sociedade atual podem ser ressignificados a partir da força que brota da fé viva. Neste nosso peregrinar, conforta-nos a certeza de que não caminhamos sozinhos, conosco estão nossos irmãos e irmãs educadores, aqueles que nos ajudam a esperar, a tecer redes de apoio mútuo, a ser criativos e a acreditar no poder transformador da educação. Conosco também peregrinam nossas comunidades de fé, casas da acolhida, que nos sinalizam a própria Trindade, comunhão perfeita. Por fim, conosco se fazem solidários em nossa romaria terrestre o Pai que nos chama, o Filho que nos envia e o Espírito Santo que nos sustenta.



2. A Esperança como virtude

Do latim, *spes*, esperança é uma virtude teologal, recebida no Batismo, que forma nossa identidade cristã. A esperança é vista como a confiança firme e alegre de que Deus, em sua misericórdia, conduzirá a humanidade para a plenitude de sua existência. O Papa Bento XVI, na Encíclica “*Spe Salvi*” (Salvos pela Esperança), afirma que a natureza da esperança cristã não é apenas uma expectativa vaga de um futuro melhor, mas uma certeza fundada na promessa de Deus e na obra salvífica de Jesus Cristo. A importância da esperança na vida dos cristãos é argumentada como essencial para enfrentar os desafios e as dificuldades da existência humana, mantendo a firmeza da fé mesmo diante das adversidades.

A esperança não é apenas uma realidade individual e nem estática, mas uma força transformadora na história, inspirando as pessoas a trabalharem pela justiça, pela paz e pelo bem comum. Ou seja, motivados pela esperança, as pessoas são capazes de buscar construir um mundo mais justo, fraterno e solidário. Assim, em nossa missão como educadores, também a esperança é força que nos entusiasma e nos faz perseverar na arte de educar, no propósito de promover experiências humanizadoras que despertem as novas gerações para o apaixonado cuidado com a vida, com o planeta e na promoção da dignidade humana e da fraternidade.

A esperança é uma virtude essencial em todos os aspectos da vida, que no contexto

educativo ganha ainda mais importância, pois o ato de educar tem em sua essência o acreditar na potencialidade que o outro traz consigo, e assim potencializar que horizontes sejam alargados e um novo jeito de estar no mundo seja assimilado. Viver a esperança na educação significa desenvolver habilidades e competências com a organização de conteúdo, acreditando no potencial de cada estudante. É pensar projetos participativos que engajem a comunidade escolar, acreditando que podemos tornar o mundo um lugar melhor.



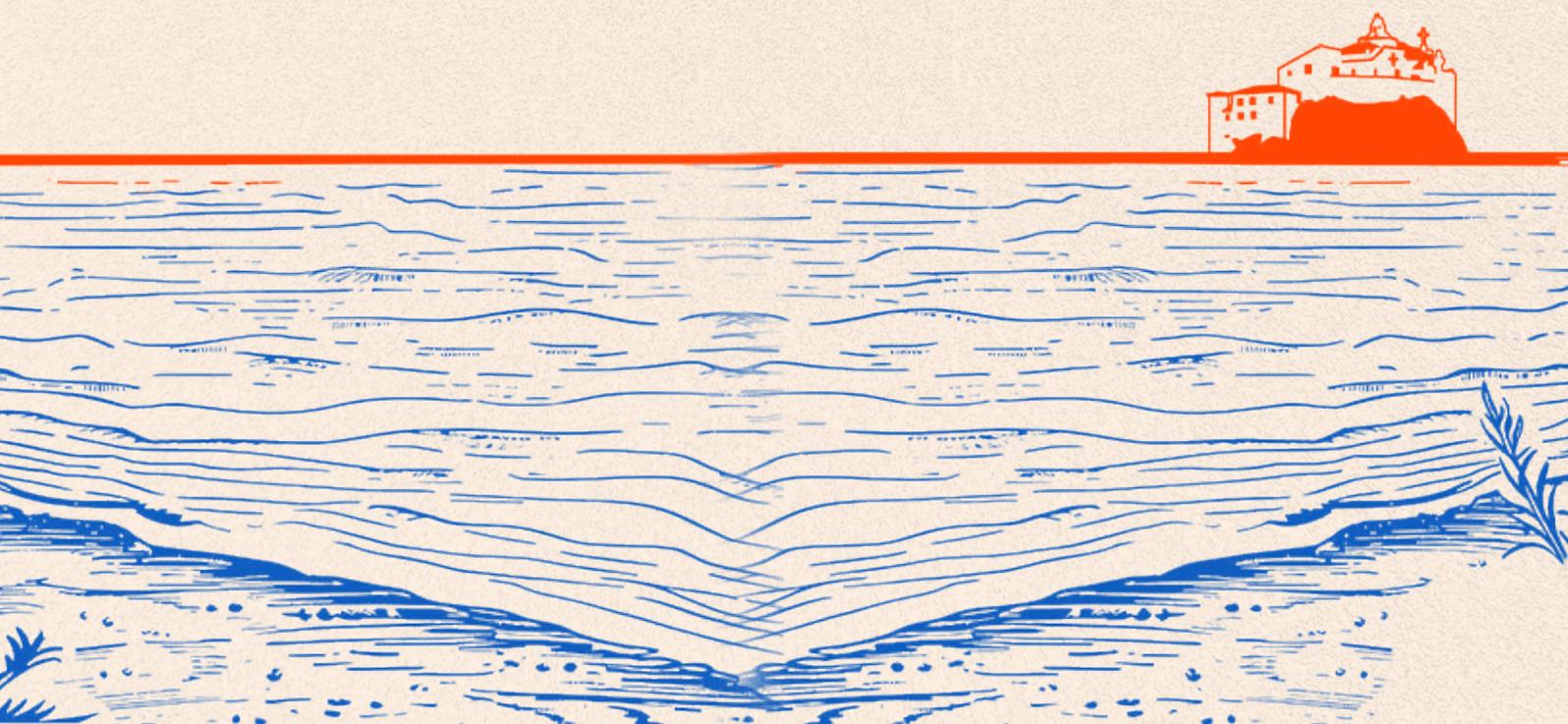
3. Educador como Testemunha da Esperança

Somos discípulos missionários educadores! Carregamos a esperança como nosso DNA e, todos os dias, vamos aos areópagos da educação para encontrar, inspirar e acompanhar pessoas em suas jornadas de conhecimento e aprendizagem. A Educação é nosso caminho e nossa vida, Jesus é nosso Mestre, é nosso modelo de educador.

Como Educadores, testemunhas da esperança, “primeireamos” ao acolher, orientar e formar nossas crianças, adolescentes, jovens, adultos, famílias e colegas. Esperançamos vidas ao mediar conflitos, propor a paz, estabelecer relações de proteção à Casa Comum, favorecer a amizade social e semear o sonho de uma economia solidária.

Somos testemunhas da esperança quando persistimos na missão de educar mesmo diante do descaso pelas políticas públicas de educação, do sucateamento dos espaços escolares, das diversas formas de violências, da desilusão dos estudantes, do desinteresse das famílias, das disputas ideológicas nos programas de formação e tantas outras tristes realidades.

Somos nós, educadores, discípulos e missionários, que fazemos o caminho da educação. Com todas as dificuldades, sabemos que, quando encontramos outros irmãos e irmãs, temos a oportunidade de educar e sermos, nós mesmos, educados. A educação sempre acontece no encontro, e nós somos testemunhas desta esperança.



4. Educar: um ato de esperança

Em um mundo repleto de desafios e incertezas, quando a qualidade da educação é ameaçada, muitas vezes tratada como mercadoria ou ideologia política, a esperança é o farol que guia o educador em sua missão diária. Mesmo diante das adversidades, é fundamental permanecer firme no compromisso de orientar, inspirar e capacitar, educando para o bem, a paz e a solidariedade. Por meio da esperança e da missão educativa, os educadores são vocacionados a plantar sementes de conhecimento, empatia e resiliência, contribuindo para a construção de um mundo mais justo, humano e fraterno.

“Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração.” (Romanos 12,12), é a exortação de Paulo à comunidade romana, tão atual no cenário da educação. A passagem encoraja a enfrentar os desafios com fé, em contínuo empenho na oração e a manter alegria mesmo em tempos difíceis, pois a esperança é a essência vital na jornada educativa. Os educadores são os arquitetos do amanhã, carregando o peso da responsabilidade e a luz da esperança em cada sala de aula. Sua missão transcende o mero compartilhamento de conhecimento, uma vez que são agentes de transformação, moldando mentes, mãos e corações, inspirando o desejo de aprender e crescer.

A esperança é o fio condutor que guia a educação, mantendo viva a chama do potencial em cada estudante. Para além de ensinar

matérias e conceitos, a educação tem o poder de impactar vidas de forma positiva e duradoura. Neste viés, educar nada mais é que um ato de esperança, pois o educador tem a missão de catalisar sonhos, incentivando os estudantes a acreditarem em si mesmos e a perseguirem seus objetivos com fervor. A missão do educador é nutrir não apenas o intelecto, mas também o espírito, construindo alicerces sólidos para um futuro esperançoso.

Para compreender mais ainda o educar como um ato de esperar, podemos nos valer de uma importante ferramenta em tempos de desespero: a antropologia cristã. Uma das causas do desespero na educação é a crise antropológica. Esqueceu-se quem é a pessoa humana e a que meta está chamada a alcançar. A antropologia cristã nos recorda: a pessoa humana é livre; sua liberdade, conduzida pela verdade, inaugura um tempo novo e a pessoa se torna sujeito da própria história e construtor de uma nova civilização.

A liberdade é o espaço do imprevisível relativo, é a surpresa, é o não-ser relativo, é o indefinido, é a possibilidade. A liberdade é o espaço para a pessoa fazer diferente. “Educar é apostar e dar ao presente a esperança que quebra determinismos e fatalismos” (Dom Vincenzo Zani, secretário do dicastério para a educação católica, Pacto educativo global. Vademecum, p. 7). Um educador fatalista e pessimista não pode ser educador, pois ser assim significa que as coisas estão postas, o

futuro está determinado; não há nada a fazer, não se pode intervir nos processos de mudança, o destino já está posto. Ao contrário, educamos pessoas e pessoa é liberdade.

Por isso, educar é esperar. Esta esperança não é vã. O diferente sempre é possível porque a liberdade faz parte da constituição humana assim como os ossos e a carne. Esta liberdade conduzida pela verdade é libertadora. A fé nos diz que a verdade é uma pessoa: Jesus Cristo. Portanto, a liberdade humana conduzida por

Jesus Cristo é capaz de fazer maravilhas. Os santos e santas são a prova dessa experiência tão humana e divina.



5. Peregrinos entre luzes e sombras no campo educativo

Ser educador é ser um peregrino nas fronteiras do mundo, é caminhar entre luzes e sombras da realidade educacional na atualidade marcada pela pluralidade. O olhar sensível e atento do educador peregrino permite reconhecer que vivemos em um tempo de muitas ambiguidades. Não raras vezes as práticas educativas reproduzem aspectos da sociedade contemporânea fortemente marcada pela competição, produtividade, indiferença e utilitarismo.

Se por um lado existe a cobrança por eficiência e alta performance da educação, por outro lado, existe um crescente desinteresse da sociedade como um todo pela sua responsabilidade educativa. A busca por uniformização e padronização dos currículos e métodos educativos contrasta com as imensas

desigualdades regionais e sociais presentes no país. A desenfreada oferta de programas socioemocionais confronta com a violência, a indiferença, o bullying e a intolerância veladamente presentes na sociedade. Assim, emerge um contexto social e histórico que desafia a construção de caminhos alternativos para que a educação cumpra seu papel e promova a esperança.

Neste cenário, o Papa Francisco recorda que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza” (FRANCISCO, 2015a, p. 125). Por isso, há a necessidade de restabelecer um pacto para orientar os processos educativos no qual a dignidade humana e a convivência fraterna entre

as pessoas e com o meio ambiente sejam o ponto central. Esta proposta do Pacto Educativo Global ilumina as práticas educativas e inspira os agentes da Pastoral da Educação a se colocarem como arautos da esperança, colaborando com suas boas práticas pedagógicas nos múltiplos espaços educativos.

São muitos os esforços dos educadores

que, no silêncio do dia a dia, consagram suas vidas à missão de educar, enfrentando com compromisso ético-profissional-missionário os desafios próprios das estruturas e condições de trabalho. Esses missionários da esperança buscam promover a cidadania a todos os brasileiros, dando-lhes, especialmente, novas oportunidades de sonharem seus projetos de vida.

6. São José de Anchieta: modelo de educador peregrino e testemunha da esperança

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, nas Ilhas Canárias, e entrou para a Companhia de Jesus em Portugal. Em 1553, aos 19 anos, chegou ao Brasil como missionário, trazendo consigo o objetivo de trabalhar com os povos originários, dedicando-se à educação e à catequese. Além de seu trabalho missionário, Anchieta é reconhecido por sua contribuição para a literatura brasileira, escrevendo várias peças de teatro religioso em língua tupi, com o intuito de facilitar a evangelização dos indígenas. Anchieta também teve papel fundamental na fundação de cidades no Brasil colonial, participando ativamente da fundação de São Paulo em 1554. Faleceu em 9 de junho de 1597, na cidade de Reritiba (atual Anchieta, no estado do Espírito Santo), deixando um legado duradouro de fé, educação e serviço aos povos indígenas do Brasil. Foi canonizado pelo Papa Francisco em 2014.

O jovem missionário, São José de Anchieta, conhecido como o “Apóstolo do Brasil”, entendia



a importância de não apenas transmitir conhecimento acadêmico, mas também cultivar virtudes morais e espirituais nos estudantes visando ao desenvolvimento integral das pessoas. Neste XXII Enape, somos chamados a nos inspirar no modelo de educador que São José Anchieta nos oferece. Uma educação integral, que busca formar cidadãos éticos, críticos e responsáveis, deve ser também o compromisso dos educadores de hoje.

São José de Anchieta foi um defensor da inclusão e da valorização da diversidade, trabalhando com povos indígenas, buscando promover a igualdade e o respeito mútuo entre diferentes culturas e origens. Essa postura de respeito à diversidade é fundamental no contexto contemporâneo, onde a educação inclusiva e a valorização da pluralidade são cada vez mais reconhecidas como pilares essenciais para uma sociedade justa e equitativa. Portanto, São José de Anchieta se destaca como um modelo de educador que transcende seu tempo, deixando lições valiosas para a educação no presente.

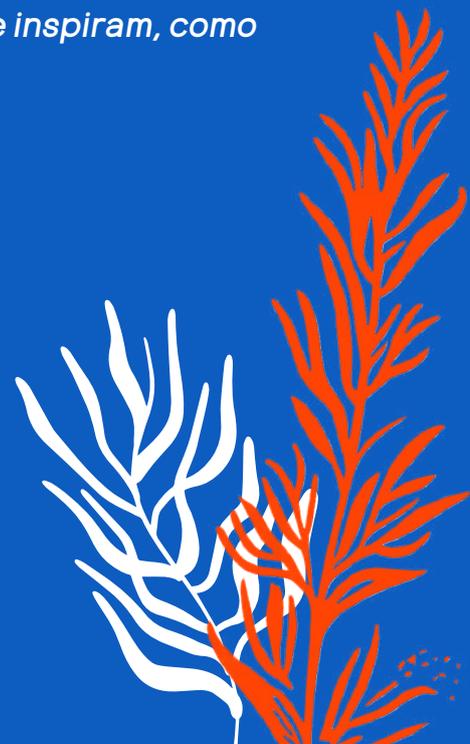


PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E PARTILHA EM GRUPO:

1. *Na missão cotidiana do educador, entre os desafios e alegrias, a esperança precisa ser nutrida e fortalecida. O que fazer para fortalecer os educadores em sua missão de peregrinos de esperança?*

2. *A atuação da Pastoral da Educação nas escolas e comunidades tem se mostrado um importante instrumento de apoio à missão dos educadores. O que podemos fazer para renovar o compromisso com a ação evangelizadora no ambiente educativo em nossas paróquias/dioceses?*

3. *Educadores de ontem e de hoje, de longe e de perto são luzes em nossa missão. Em sua realidade, quais são as pessoas que inspiram, como peregrinos de esperança, a ação educativa?*



Texto de Trabalho

XXII ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL DA EDUCAÇÃO

Educadores: peregrinos de esperança



Realização:

Apoio:

FTD
educação

UniSales
Centro Universitário Salesiano